

GUERRA NO LESTE EUROPEU

ITAMARATY INFORMOU QUE AINDA NÃO HÁ “CONDIÇÕES DE SEGURANÇA” NEM LOGÍSTICA PARA TRANSPORTAR, PELO MENOS, 180 BRASILEIROS QUE SE CADASTRARAM NA EMBAIXADA BRASILEIRA PARA SEREM RETIRADOS DA UCRÂNIA

Sem previsão de resgate

» MICHELLE PORTELA
» DEBORAH CARDOSO

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

Pelo menos 180 brasileiros já se cadastraram na Embaixada do Brasil em Kiev, capital da Ucrânia, para serem evacuados do país, de acordo o Ministério das Relações Exteriores (MRE). No entanto, o Itamaraty informou que ainda não há “condições de segurança” nem logística para fazer o resgate, uma vez que o espaço aéreo do país está fechado.

“Para os brasileiros que estão na região leste da Ucrânia [territórios de Donetsk e Luhansk], recomendamos que deixem o local e se desloquem para a capital, Kiev. Aos que estão na região da fronteira, orientamos que deixem o país”, disse o embaixador Leonardo Gorgulho, do corpo de comunicação do órgão, em coletiva de imprensa, em Brasília. “Não estão dadas as condições de segurança para que essas pessoas sejam evacuadas”, complementou.

De acordo com o Itamaraty, cerca de 500 brasileiros vivem na Ucrânia. Eles podem entrar em contato com o corpo diplomático brasileiro por meio do site da Embaixada em Kiev, na página no Facebook e em grupo do aplicativo Telegram.

O Itamaraty recomendou aos brasileiros que moram em Kiev que permaneçam em domicílio e que sigam as orientações das autoridades locais. No Leste do país, que se desloquem para os países vizinhos, onde há consulados atuando para a recepção de



O Itamaraty recomendou aos brasileiros residentes em Kiev que permaneçam em suas casas

brasileiros. Em Lviv, na fronteira com a Polônia, que sigam para esse país ou para a Moldávia. As embaixadas em Varsóvia, na Polônia; Bucareste, Romênia; Bratislava, capital da Eslováquia; e Moscou, na Rússia, estão em plantão para receber os brasileiros.

Vida no bunker

O **Correio** conversou com um brasileiro que pediu para ter a sua identidade preservada devido ao risco de segurança. “Cheguei a Kiev em 22 de fevereiro, à noite, e

é onde eu estou até o momento. Acordamos na madrugada (5h da manhã horário local) com barulho de bombas. Fechamos as portas e nos juntamos a outras famílias brasileiras. Estamos acompanhando um jogador representado pelo nosso escritório, e o clube nos colocou no hotel. Aos poucos, se juntaram a nós portugueses, a comissão técnica do clube, que é italiana, e alguns ucranianos. Por volta das 13h30 (hora local), o hotel avisou que havia helicópteros sobrevoando e que teríamos que ir para um bunker, onde estamos agora. Aqui

tem estrutura, água, medicamentos, colchões, café e mantimentos. Estamos aguardando que o governo se posicione. Tentamos contato com a embaixada, que lavou as mãos, deu medidas contraditórias e limitadas. O clube fez mais que a embaixada”, relata.

O engenheiro eletricitista mineiro David Abu-Gharbil se mudou há dois meses para Kiev e vive a tensão da guerra. Ele publicou um vídeo nas redes sociais no qual mostra pessoas ao lado de um bunker. “Estamos esperando aqui fora perto do

500

brasileiros vivem na Ucrânia, de acordo com o Itamaraty

bunker. Caso ocorra algum ataque, a gente vai para dentro. Estamos aguardando porque teve um aviso agora que vai haver vários ataques na cidade”, afirma David, que nasceu em Coqueiral, cidade com 9 mil habitantes no Sul de Minas.

Análise

Para Rodrigo Amaral, professor de Relações Internacionais da PUC/SP, o governo ucraniano não deverá impor restrições aos brasileiros em seu território. No último dia 19, a embaixada brasileira em Kiev pediu aos brasileiros que estavam no Leste da Ucrânia para saírem do país. “Considerando os protocolos de retirada, sair não é complexo. Não é do interesse que morram civis de outros países”, destaca.

Pedro Feliú Ribeiro, professor e pesquisador do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP), analisa que a guerra entre Rússia e Ucrânia ainda deverá mobilizar aliados em todo o mundo. “Como desde 2017 os Estados Unidos [que apoiam a Ucrânia] iniciaram uma campanha de

contenção à China, aberta e pública. Não acredito ser uma surpresa que a China apoie a Rússia. O posicionamento chinês sobre sanções sempre foi contrário. Até o momento, avalio como sutil o posicionamento deles”, diz.

Para o especialista, as sanções e ameaças de embargo econômico não devem preocupar os protagonistas russos. “Sem dúvida, a China é um grande ator que torna as sanções ainda mais ineficazes. Os chineses vão absorver muito do comércio russo e dos investimentos”, complementa.

Questionado se a guerra se prolongará, o pesquisador é taxativo. “Vai depender do comportamento dos Estados Unidos e da Otan. O mapa global, hoje, é de uma superpotência, os EUA, começando a se sentir ameaçados pelo crescimento chinês. A Rússia já ensaiava isso desde a invasão da Geórgia, em 2008, e acompanhava a contínua expansão da Otan. Do ponto de vista militar, o mundo ainda é unipolar. Estados Unidos têm mais capacidade do que qualquer um. Do ponto de vista econômico, o equilíbrio é maior”.

Mas a situação global é mais complexa entre os envolvidos no conflito. “Ainda assim, muito diferente do sistema bipolar da Guerra Fria, o maior parceiro comercial da China é os EUA e vice e versa. Já na Guerra Fria, não havia interdependência econômica entre União Soviética e EUA”, conclui.

Colaborou Luiz Fernando Figliagi, do Estado de Minas

Tensão entre ucranianos e descendentes no Brasil

» CECÍLIA EMILIAN
ESTADO DE MINAS
» BERNARDO LIMA*
» GABRIELA BERNARDES*

A invasão russa à Ucrânia preocupa ucranianos e descendentes que vivem no Brasil, que relatam momentos de temor com familiares que ainda estão no país do Leste Europeu. De acordo com a Representação Central Ucraniana-Brasileira (RCUB), atualmente, cerca de 600 mil ucranianos vivem no Brasil, o que representa a quarta maior comunidade ucraniana do mundo. Aproximadamente, 80% dessa população vive no Paraná.

Presidente da Sociedade Ucraniana do Brasil (Subras), Felipe Melnyk Oresten resume o sentimento da diáspora ucraniana: “mistura de tristeza e uma certa impotência”. A consternação é acompanhada de revolta. Oresten classifica a investida contra a Ucrânia como um ataque cruel, que “agrave toda a humanidade”.

Ele conta que tem diversos parentes e amigos em Kiev, capital ucraniana, e Lutsk.

No momento, a situação é considerada estável nas duas localidades, mas o clima entre os habitantes é de apreensão. “Muitas pessoas estão desesperadas e tentam deixar suas cidades. Outras estão indo aos supermercados para comprar alimentos e estocar. Muita gente também já começa a fazer malas e se preparar para buscar abrigos antibomba”, descreve Oresten.

Um bombardeio de mensagens de condolências acordou a ucraniana Yulia Mysko, de 33 anos, ontem. “Sinto muito”, diziam recados enviados por dezenas de amigos à artista plástica e capoeirista, que vive há 10 anos no Brasil, cinco deles em Belo Horizonte.

“Como estava acompanhando as notícias, logo entendi que a Rússia havia invadido a Ucrânia. Acordei chorando e fui direto ligar para os meus pais”, conta Mysko, natural de Ternopil, no interior do

Túlio Santos/EM/D.A Press



país do leste europeu. A cidade fica a cerca de duas horas de Ivano-Frankivsk, onde os russos lançaram um míssil nas primeiras horas desta madrugada, atingindo uma base aérea militar.

“Não cheguei a pensar que minha família tivesse sido atingida, mas fiquei muito apreensiva, pois

não imaginei que a Rússia fosse atacar logo de cara as cidades do interior. Então, entrei em contato com meus pais para ver como estava o planejamento deles, se pretendiam deixar o país e se estavam seguros”, relata a artista. Os familiares de Yulia a tranquilizaram. Seguindo a artista, tanto em Ternopil,

A artista plástica e capoeirista ucraniana Yulia Mysko chegou ao Brasil em 2017 e mora em Belo Horizonte

quanto na capital ucraniana Kiev, onde ela tem tios e primos, estão todos bem e, por ora, não pensam em deixar a Ucrânia.

Apreensão

A família do analista de sistemas Rodrigo Alves, de 31 anos, tem origens ucranianas e chegou ao Brasil na década de 1950. “O sobrenome da minha família é Samoylenko. Meus avós vieram para o Brasil em 1955. Eles eram bem jovens e vieram do oeste da Ucrânia, perto da fronteira com a Polônia. Moraram alguns anos no Paraná, mas hoje moramos em São Paulo”, explica.

Rodrigo cresceu ouvindo histórias sobre o país europeu e vendo o sofrimento de seus familiares com a situação do país. “Eles vieram para trabalhar aqui, mas meu avô sempre contava boas histórias da sua infância lá. E ele sempre sofreu muito em todos esses anos de tensão. Estamos nessa situação, mais uma vez, e agora é muito sério”, relata. “Meu avô ainda tem tios e

primos que moram lá. Está todo mundo muito tenso. Inacreditável que isto esteja acontecendo, e é inacreditável que estão ignorando todos que estão lá”, indagou Rodrigo.

Andreia Leticia Staxhyn, de 22 anos, é brasileira, mora em Irati (SC) e também é descendente de ucranianos. A influencer conta que ainda não caiu a ficha sobre tudo que vem acontecendo desde a madrugada de quarta-feira “Estou muito triste com esse acontecimento. Minha avó sempre contava para nós como foi a vida da minha bisavó e do meu bisavô no tempo em que eles vivenciaram outras guerras. Eles passaram fome, medo e perderam pessoas que amavam. Mas, graças a Deus, sobreviveram e conseguiram pegar um navio para o Brasil, onde começaram a vida deles novamente”, relata.

* **Estagiários sob a supervisão de Adson Boaventura**

LEIA MAIS na página 35

ARTIGO

Século fora dos parâmetros

A imagem de caças e helicópteros sobrevoando instalações das estruturas críticas da Ucrânia e disparando mísseis como um videogame, sem nenhuma resistência de tropas em terra, não é percebido emocionalmente por nossa população.

É natural, pois são mais de 10.000km entre Brasília e Kiev, e a distância se transforma em um escudo físico que aplaca

temores. Ainda assim, quando temos contato com as notícias de que um estado europeu ataca outro estado europeu, após mais de 70 anos de fim da Segunda Guerra Mundial, resta uma inquietação sobre os fatos e a pergunta: o que os levou a um enfrentamento que já faz correr sangue de ambos os lados?

Analistas de relações internacionais tentam montar o

quebra-cabeça, mas lhes faltam peças para concluir o quadro. O mundo do século 21 foge dos parâmetros sob os quais nos acostumamos a viver após a vitória aliada em 1945.

Meio século de Guerra Fria, com o esfacelamento da URSS, a queda do muro de Berlim e a abertura do canal diplomático com a República Popular da China sinalizaram o sucesso da água americana. Segundo Francis Fukuyama, o fim da história.

Com a virada do século, a Organização das Nações Unidas (ONU) foi perdendo relevância, as nações começaram a se voltar para seus interesses internos e um nacionalismo que estava adormecido

ressurgiu como inspiração a cada uma delas.

A China assume o posto de rival dos Estados Unidos em todos os campos do poder, e a bipolaridade, adormecida, novamente se faz presente com as cores das bandeiras trocadas. A Rússia, ferida em seus brrios e espírito dominador, encontra em Vladimir Putin o renascimento de uma liderança que a leve a se projetar globalmente.

Como prova da virilidade como nação, ela encaminha sua diplomacia rumo ao acirramento das relações com o Ocidente e a uma trégua com a China. Diante da liberdade de ação conquistada, a Rússia avança sobre o território perdido em

1991, testando as respostas que o mundo terá para oferecer.

A tomada da Crimeia em 2014, que ficou sem revide pelo Ocidente, serviu para estímulo à invasão que assistimos agora. Até o momento, Putin tem obtido êxito em suas investidas. Precisaremos aguardar e identificar se haverá um limite para essa expansão, e quem o imporá.

É nesse contexto que o Brasil precisa encontrar uma postura equilibrada para continuarmos buscando uma hegemonia ao menos regional e com certa influência nas decisões de âmbito mundial.

Cientes, resignadamente, de que as nossas potencialidades ainda não nos permitem

enfrentar esses atores poderosos que hoje dominam o cenário mundial da geopolítica.

As bombas continuam a serem jogadas sobre a Ucrânia e distintos movimentos são percebidos em todos os quadrantes do globo. A favor ou contra, mas ninguém está imóvel. Trata-se apenas do primeiro capítulo da história.

Nós, como nação que aspira relevo, não devemos pagar para ver cartas contra as quais não temos fichas para bancar. Precisamos construir com as nossas próprias potencialidades a estrada pavimentada que nos levará ao futuro em benefício da nossa sociedade. Com um olho no gato e outro no rato. Paz e bem!

OTÁVIO SANTANA DO RÊGO BARROS - General de Divisão da Reserva